



Reflexões sobre juventude e televisão a partir de um programa de transmissão e produção regional e outro nacional¹

Prof. Dr. Flavi Ferreira LISBOA FILHO²

Fernanda do Amaral FERRARI³

Helen Piegas BARCELOS⁴

Darciele Paula MARQUES⁵

Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

Este processo investigativo faz um esforço para refletir sobre a relação entre televisão e juventude, a partir de uma perspectiva regional e outra nacional. O propósito desta pesquisa centra-se em analisar o processo de construção ou legitimação de identidades através de caracterizações de juventude. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, combinada com a semiótica e a análise textual para o estudo de programas audiovisuais. Trabalhar com a caracterização de personagens jovens, no interior da trama da telenovela, possibilita a identificação da telenovela com o público jovem, seja por meio do uso de um discurso muito próximo, ou da imagem do ator ou atriz remeter a elementos da jovialidade, através de ações ou aparência física. No caso do *Patrôla* percebemos que os apresentadores apresentam estes cuidados no visual, nas gestualidades e na imagem. Além de trazer para a pauta assuntos do cotidiano da juventude.

Palavras chaves: televisão; identidade; juventude.

Introdução

A televisão é a mídia de maior propagação e importância no mundo contemporâneo, pois ela traz informação e entretenimento para grande parte da população. Neste estudo, abordamos os programas de televisão *Patrôla*, transmitido nas manhãs de sábado pelo canal Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV); e a telenovela *Caminho das Índias*. O primeiro configura-se como um programa de segmento jovem,

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual, GP Televisão e Vídeo, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação (linha: Mídias e Processos Audiovisuais) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa. Pesquisador líder do Grupo de Pesquisa “Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços”. (flavifilho@unipampa.edu.br).

³ Acadêmica do 3º semestre do curso de Comunicação Social: hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa. Bolsista do PIBIC/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa “Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços”. (f.a.f@hotmail.com).

⁴ Acadêmica do 7º semestre do curso de Comunicação Social: hab. Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa. Bolsista do PROBIC/FAPERGS. Membro do Grupo de Pesquisa “Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços” (barcelos.helen@gmail.com).

⁵ Acadêmica do 8º semestre de Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal Pampa. Bolsista do PBDA/UNIPAMPA. Membro do Grupo de Pesquisa “Mídias, Artes e Narrativas em Contextos Híbridos ou Fronteiriços”. email: darciele.marques@hotmail.com

dinâmico, de entretenimento, com matérias relativas ao comportamento, shows, festas, moda, esporte, entrevistas e curiosidades, atraindo diferentes grupos juvenis.

No segundo, a telenovela *Caminho das Índias*, os jovens ocupam um espaço significativo, trazendo em pauta diversos assuntos, como *bullying*, a esquizofrenia⁶, etc. Situações completamente distintas, mas que particularmente, desenvolvem nos espectadores certa “simpatia” para com a temática, a partir da desmistificação da doença e o despertar para uma maior compreensão do outro. Neste estudo, consideraremos os personagens Tarso, Inês, Zeca, Camila, Indra e Maico, em função da diversidade de temáticas que trazem para a trama.

Cabe destacar que a telenovela é caracterizada por um enredo que compreende diversas ramificações o que permite inserir dentro da mesma vários personagens, que se assemelham a atores sociais. Em sua maioria, os atores discursivos demonstram ações, sentimentos e uma personalidade construída com características da cotidianidade.

Portanto, nesta pesquisa buscamos identificar os sentidos produzidos pelos programas e os processos de significação, que auxiliam na construção ou legitimação das identidades contemporâneas. De certa forma, fica claro que não objetivamos fazer uma comparação entre os programas, pois o formato que cada um adota é calcado por um conjunto de especificidades. Também o GP Televisão e Vídeo pareceu mais amplo para inserir esta reflexão por que trabalhamos com dois programas televisuais com perspectivas distintas, encontrando-se pelo entretenimento.

Podemos dizer que a questão problematizadora procura dar conta de compreender como se dá a identificação do jovem (público-alvo) e suas possíveis repercussões. No *Patrola*, ainda procuramos verificar como o jovem participa e influência na composição do programa.

Metodologicamente, utilizamos a análise textual combinada com conhecimentos da semiótica.

A análise textual é um procedimento de grande valia quando se pretende estudar um conjunto ou um programa televisivo. Ela possibilita, não somente captar representações ou informações, mas também argumentos e efeitos de sentidos⁷ de determinado programa a partir de um material simbólico.

⁶ Dois personagens jovens, Tarso e Ademir, apresentam esta doença mental. Tarso acaba desencadeando a doença pela forte pressão que sofre dos pais em relação ao seu futuro profissional e sua beleza. Ademir sofre com as dificuldades de uma família de classe baixa para manter seu tratamento.

⁷ Neste sentido, visualizamos a possibilidade de integrar à análise textual conhecimentos semióticos e assim dar conta dos processos de significação e de sentidos.

Ainda, conforme (CASSETTI e CHIO, 1999) os textos televisivos compreendem uma configuração consideravelmente complexa, capazes de construir mundos a partir de inúmeras bases, conseguindo representar assim a diversidade presente na realidade.

Considerar os programas audiovisuais como texto permite fazer uma reflexão de si próprio, dos discursos que oferta implícita ou explicitamente, dos valores que são atribuídos, entre outros. Os textos acabam não somente por nos dizer ou mostrar algo, mas nos direcionam para descobrir como se propõem e se capta qualquer elemento, pois sua análise é (con)textual. Mesmo assim, é possível fragmentar o texto e analisar suas particularidades, interpretando o seu significado de forma proveitosa e posteriormente agrupamos de novo.

É de suma importância, quando nos propomos a estudar um programa audiovisual, que se possa estipular um percurso de leitura. Esta técnica permite convergir os esforços de análise, a partir de um olhar (semi)estruturado de determinado programa televisivo, bem como a compilação e mapeamento das questões ou situações que se apresentam dentro daquele universo como mais relevantes. Segundo (CASSETTI e CHIO, 1999, p.256) “el esquema de lectura está constituido por una série de categorías que permiten al analista definir y reagrupar los itens textuales”.

Para este estudo foram criadas as seguintes categorias que nortearam a análise do material audiovisual: caracterização dos personagens/atores juvenis principais, cenário, figurino, falas e vinheta. Contudo, algumas poderão ser descritas e analisadas de forma combinada-agrupada.

Durante o processo de averiguação do *corpus* se fez pertinente a análise dos sentidos e dos códigos que os textos se propuseram, pois ambos possuem uma relação estreita com a construção dos processos de significação e das identificações.

Sobre identidade e cultura

A expressão identidade⁸, grosso modo, significa um conjunto de traços e características que identificam um grupo social, distinguindo-o dos demais grupos. As identidades se fazem existentes a partir dos atributos oferecidos na linguagem e no sistema simbólico em que são representadas, sendo assinaladas principalmente pela

⁸ Por outras palavras, a identidade se dá pela negação de algo, a fim que de seja presumido que não há possibilidade de existência de uma similaridade acerca de duas acepções como, por exemplo, as oposições binárias (recurso extremo que possui o intuito de designar a diferença de forma clara, propriedade muito eficaz na geração dos significados), por exemplo, paixão/racionalidade, a paixão é o não-racional, que se refere a uma negação da segunda e vice-versa, conferindo então uma disjunção entre ambas.

diferença. Desta forma, podemos afirmar que a diferença pode ser mantida pela supressão, além de ser uma das ideias essenciais para o entendimento do procedimento de edificação cultural das identidades.

Nessa via, Woodward (2000) diz que as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. As relações sociais são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios.

Para Oliven (2006, p. 34), as identidades são “(...) construções sociais formuladas a partir de diferentes reais ou inventadas que operam como sinais diacríticos, isto é, sinais que conferem uma marca de distinção”. Assim, é possível entendermos a constante reconstrução da identidade, tendo em vista, principalmente, as trocas sociais que se configuram no meio. Por outras palavras, “a identidade (...) faz parte da complexidade do social. (...) Nenhum grupo, nenhum indivíduo está fechado *a priori* em uma unidimensional”. (CUCHE, 1999, p. 192).

Se um dos pontos relevantes na identidade cultural é a diferença, é preciso considerar ainda que há uma complexidade social que se constitui e “(...) cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. (...) Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo social ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional”. (CUCHE, 1999, p. 194)

Para Hall (1996, p. 69), “As identidades culturais provem de alguma parte, têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante”. Assim, para o autor, não é possível determinar a identidade cultural em si mesma e definitivamente.

Nessa via, os movimentos identitários, segundo Canclini (2003), ao longo de sua história, revelam uma série de seleções de elementos de distintas épocas articulados por grupos hegemônicos. Isso faz lembrar a afirmação de Jacks (1999, p. 85): “(...) a identidade cultural (...) tanto pode servir para defender interesses da minoria quanto para refletir uma imagem coletiva capaz de orientar esforços para superação de momentos de crise que atingem a todos”.

No caso do Rio Grande do Sul, temos um regionalismo constantemente evocado e atualizado de formas diversas, inclusive em produtos midiáticos específicos de várias

ordens, tanto na televisão, quanto no rádio e na internet. Contudo, esses produtos se intensificam em determinadas épocas provocando alguma mudança de comportamento social. Nesse processo, a constituição da identidade gaúcha é projetada do passado e cria práticas no presente, que se associam a outras práticas contemporâneas e até globalizadas.

O regionalismo e o nacionalismo fazem um caminho semelhante no processo de construção de uma identidade, pois é com base no todo que se busca a diferenciação, ou seja, a partir do que o outro não tem ou não lhe é tão característico. “(...) uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tantas nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 1999, p.147). Nessa perspectiva, a visão de identidades globalizadas não recebem atenção, contudo, a identidade é compreendida aqui como algo que ultrapassa o local, o regional e o nacional, assumindo caráter de identificação.

O Patrola

Apresentadores

O Patrola possui três apresentadores: Ico Thomaz, jornalista, que busca apresentar reportagens com humor, assume um personagem discursivo com aspectos de comicidade, veste-se de forma adequada ao estilo e aos temas das reportagens, como por exemplo, uma matéria em um baile ou show busca estar caracterizado conforme o ambiente; Luciano, mais conhecido como Potter, ganhou esse apelido por ser parecido com o personagem da ficção juvenil Harry Potter, usa um estilo casual “jeans, camiseta, tênis”, denotando conforto, simplicidade e jovialidade, bem humorado, usa de gírias próprias do público jovem; Rodaika Daudt, jornalista, com estilo próprio, unhas coloridas, roupas extravagantes, marcam irreverência, característica dos jovens. Ela possui o tom de fala mais marcado pelo sotaque regional.

Com relação à linguagem os três apresentadores assumiram o “tu”, vocábulo largamente utilizado pelos gaúchos para referirem-se uns aos outros. A linguagem típica regional está presente nas falas, brincadeiras, risos e gírias. Este tom adotado pelo programa marca todas as suas pautas, tornando as entrevistas, por exemplo, em bate-papos informais.

Formato

O programa é composto por três blocos que duram entre 6 e 8 minutos, conforme as matérias. Os intervalos são de 2 minutos, totalizando cerca de 25 minutos.

O programa possui uma pequena matéria inicial, mais de curiosidade, que antecede uma contagem regressiva, correspondente ao número de matérias que a edição exibirá. A cada número contado é anunciada determinada matéria. A ordem em que elas serão exibidas é a mesma da contagem. Após a chamada, sucede a vinheta de abertura.

Em todos os blocos é mostrado o quadro “tube do patrola”, que faz alusão ao site “you tube”, largamente acessado pelos jovens. São exibidos vídeos que envolvem os apresentadores em ações cotidianas ou relacionadas a eventos que participaram. Na edição considerada para a análise preliminar foi mostrado o apresentador Potter, em um ginásio, assistindo ao jogo de tênis da “Serena Willians”, no segundo foi mostrado o apresentador Ico e seu cachorro em um dia de praia e por fim teve um trecho do show do “U2”, em Chicago, que estava presente o apresentador Potter.

Também no primeiro e segundo bloco possui o quadro “alô na rua”, momento em que os jovens interagem com os apresentadores, mandando mensagens ou apenas participando de brincadeiras. No primeiro, uma menina manda um “alô” para sua família e no segundo, Potter e Ico fazem uma cantada, com muito humor, para outra menina.

Outro quadro do programa é o “carona com o *Patrola*”, neste o apresentador Ico leva pessoas famosas ou envolvidas com a mídia para dar um passeio pela cidade de Porto Alegre. Nesta edição, o locutor Gugu, da Rádio Farroupilha, falou um pouco sobre si, sua carreira e vida cotidiana.

As matérias e os quadros são gravados e editados anteriormente, ficando evidente a presença de efeitos de sonoros e imagéticos.

Como não há estúdio para gravação, os apresentadores se encontram geralmente ao ar livre, eles vão “atrás das matérias”, dando um efeito de “tempo presente e de transmissão direta”, como se não houvesse cortes ou edição. Nessa edição em específico os apresentadores circularam por cidades como Porto Alegre e São Leopoldo e em lugares como cozinhas industriais, casas, locais de festas, estúdio de rádio e em um carro – no quadro “carona com o *Patrola*”.

Vinhetas

A vinheta de abertura, conforme figura a seguir, possui quinze segundos e é transmitida após a contagem regressiva.



Figura 1 - Frames da vinheta principal do *Patrola*

Na primeira cena são vistas bolas ovais, como manchas de tinta vindas rápido em direção a tela, como se fosse sair dela. Após essas manchas são percebidas como objetos de um céu que “sobrevoa” uma cidade, logo a câmera se aproxima em forma de *zoom*. Já dentro da cidade são mostradas representações de prédios e casas com quadrados retangulares e cabos de som (e outros) como “invasores” que estão por cima dos prédios, mas de forma branda e divertida, dando a idéia de que o *Patrola* está chegando “na sua casa”.

Como em quadrinhos a cena corta e vai para um próximo acontecimento, simultaneamente, surge a imagem de um carro rebaixado – adaptação automotiva bastante apreciada pelos jovens – em meio as ruas da cidade, que se move como as mãos de um rapper, para baixo e para cima, como se acompanhasse o som de uma música. À frente do carro aparece o *Dj*, que embala a “dança” do carro, dando ritmo à canção, ou seja, em meio a este movimento, de “empurra e puxa” o vinil aparece em uma mesa de som.

Na cena que sucede, as mesmas manchas de tintas do início do vídeo aparecem por trás do *Dj*, como se o empurrassem para a próxima cena, nas ruas da cidade. Nelas, em alguma rua específica aparecem “fitas” amarela, preta e branca, correndo, como se estivessem a caminho de algum lugar. Assim, a imagem chega até um “palco na rua”, com os prédios atrás e caixas de som ao lado, onde está um homem que faz a “dança de rua” em movimentos circulares e rodeado por uma luz laranja, que se transforma no nome *Patrola* com o fundo do mesmo palco, mas rodeado pelos cabos de som e vinis. Cabe ressaltar que muitos jovens, atualmente, recorrem a sebos e colecionadores para conseguir vinis, pois, embora, muitos deles tenham nascido junto com o CD, percebe-se a retomada desta prática por alguns – os “alternativos”. Isto se configura como uma estratégia de aproximação com o público e dá um efeito de “Cult”.

As cores utilizadas nessas vinhetas são preto e branco, com o laranja como única cor de destaque para elementos considerados mais representativos. É fácil perceber que estas “gotas” de tinta representam o programa *Patrola*. Além de marcar o local em que o programa está, na rua, cobrindo todos os acontecimentos em relação ao jovem e à música no estado.

A percepção que levou ao encontro do jovem foi à forma com que a animação foi construída. Uma imagem de desenho contemporâneo e criativo, em movimento, com cortes rápidos que remetem ao cenário de festas, shows, música de rap, música eletrônica, elementos comuns entre os jovens.

Dentre as vinhetas do programa, conforme Lisboa Filho (2009, p.165), temos: a de abertura, já explicada; a de auto-referenciação que é vista na contagem regressiva e de chamada para o programa (produzida com base na vinheta de abertura a partir da seleção de algumas cenas), conforme figura a seguir. Aparece nos oferecimentos e antes da contagem regressiva.



Figura 2 – Frames da contagem do programa *Patrola*

Denominamos essa de vinheta de auto-referenciação em função dela fazer menção às atrações que serão apresentadas e, por consequência, anunciar o próprio programa.

A juventude na telenovela *Caminho das Índias*

Tarso (Bruno Gagliasso)

Estudante, filho de Melissa Cadore (Christiane Torloni) e Raul Cadore (Humberto Martins). Jovem sensível, cheio de aptidões artísticas, que tem como hobby cantar e tocar violão, freqüentar a praia e baladas com seus amigos, pertence à classe social alta. Sofre repreensões do pai em relação a escolha de sua profissão, pois o mesmo quer que seu filho seja seu sucessor na empresa Cadore. Raul o pressiona a trabalhar na empresa contra sua vontade. Por sua vez, Tarso tenta de todas as formas fugir ou se esquivar desta responsabilidade que o pai definiu para ele.

Já a mãe o idolatra por sua beleza e posição social. Mais orientada por questões estéticas e de aparência, Melissa, recusa as pretendentes do filho, pois nenhuma está a “sua altura”. Tarso é irmão de Inês (Maria Maya), que contraria, em um primeiro momento, totalmente o estereotipo de “filha”, que a mãe criou.

Tarso usa um figurino simples, costuma estar de calças jeans, camisas sobrepostas a camisetas, tênis ou sapato esportivo.

Com o tempo, pela pressão que sofre dos pais e, possivelmente, alguma disfunção, começa a desenvolver a esquizofrenia, que vai se apresentar a partir do dia em que seu pai o leva para comprar ternos para trabalhar na Cadore. Neste período, ele conhece Tônia (Marjorie Estiano), a partir daí as pessoas mais próximas de Tarso são sua irmã Inês, Tônia e seu avô, o Sr. Cadore (Elias Gleizer), que compreendem a doença que o mesmo apresenta e tentam ajudá-lo. Na trama o personagem Tarso sofre bastante pelo fato dos pais não aceitarem sua doença e deste modo não tratá-lo de forma adequada.

Dentro da trama da telenovela, a partir do personagem Tarso foi possível informar sobre a esquizofrenia aos telespectadores, como tratar, o que a família deve fazer e outros fatores que envolvem a doença. O jovem Tarso foi o personagem central deste assunto na telenovela, demonstrou a pressão vivida pelos jovens e as dificuldades de aceitação quando não se é “normal⁹”. Deste modo, identificamos a inserção de um merchandising social, no enredo da telenovela, envolvendo o personagem Tarso e os demais integrantes da clínica psiquiátrica do Dr. Castanho (Stenio Garcia).

Inês (Maria Maya)

Filha mais nova de Melissa e Ramiro Cadore, é jovem com personalidade marcante e dona de um estilo totalmente alternativo. Por este motivo, vai de encontro aos padrões de moda aceitos pela mãe, que a trata com certo desprezo, chamando-a de *Allien*.

Apesar das aparências, Inês é uma pessoa centrada, com um potencial aguçado para os negócios. Ramiro não implica com a filha por ter um estilo diferente, porém, por ser um homem de negócios não dá muita atenção à mesma, já Melissa, cada vez que a vê fala coisas, que incomodam Tarso, pois ele não gosta do jeito que mãe trata a irmã.

⁹ A idéia de normalidade aqui apresentada diz respeito à idéia estereotipada que se construiu com relação ao jovem e seu comportamento.

A personagem, por sua vez, não “dá a mínima” para os ataques de sua mãe e ousa cada vez mais em seu estilo, trazendo uma tendência forte e consolidada na moda chamada *Dark Romance*, com características de excentricidade e decadência do *rock stars*, mesclando elementos advindos do rock, punk e gótico. De certa forma, percebe-se a presença de um ar sombrio, mas com doses de nostalgia e romantismo suas roupas propiciam uma aparência misteriosa e, às vezes, sexy.

Inês denota que seu estilo de vestir é uma tendência consolidada na própria novela, quando começa a montar figurinos ou peças de roupa, que comercializa a partir de um site personalizado, criado especificamente para sua coleção. Este estilo se apresenta também nas tatuagens e nas gírias, que mesclam ditos de várias tribos: **Qual é o rapp?**(o que está acontecendo?) **Deprê** (depressão, para baixo), **tô quicando!** (estou saindo), **meu brother** (meu amigo), **pintou na festa** (chegou à festa), **dando umas quebradas por aí** (andando junto), **to pegando o beco** (estou indo para algum lugar, vazar), **outra vibe** (outro ambiente), **sinistro** (clima ruim), **qual o teu molho?** (o que você tem a dizer), **padrão** (certinho), **deu B.O ou vai ter B.O** (deu problema ou vai dar problema), **causei** (arrasou), **estar a captura de alguém** (estar tentando conquistar alguém), entre outras.

A personagem, após passar por momentos conturbados na família, ganha a confiança de seu avô, que percebe a sensibilidade da neta para os negócios e a nomeia como sua substituta na empresa, para a surpresa de todos. Inês representa um estilo que em um primeiro momento pode ter causado estranheza, mas logo foi incorporado, principalmente pelas gírias e a maneira como tratava os seus problemas com sua mãe, a preocupação com o irmão esquizofrênico, etc. Este conjunto de características, possivelmente, tenha conquistado os telespectadores, tornando-a assim uma figura especial dentro da trama e não alguém “esquisito e alienado”, como talvez fosse seu propósito inicial.

Zeca (Duda Nagle)

Jovem bonito, de porte atlético, desfruta das regalias de sua classe social. Desconhece os limites de suas atitudes e sempre é acobertado pelos seus pais Ilana (Ana Beatriz Nogueira) e César (Antonio Calloni), que nunca se preocuparam em mostrar-lhe limites ou educá-lo para o convívio social. Ilana e César acreditam que o comportamento do filho é típico de um jovem que está aproveitando a vida e quando se

deparam com as conseqüências das ações do filho consideram perseguição, incompreensão ou implicância das pessoas com jovens da classe social dele.

O personagem propaga o estereotipo de *pitboy*, cometendo atrocidades como bater em idosos, assustar pessoas na rua, andar em alta velocidade de automóvel, atropelar pessoas, atormentar professoras e colegas em sala de aula, publicar na internet assuntos clonados, praticar o *bullying* dentro da escola especialmente com Indra (André Arteché), por ser de origem indiana, e Maico (Mussunzinho), pelo mesmo ser de origem simples e bolsista na escola. Contudo, Zeca é apenas o líder de sua turma de *pitboys*, que comete perversidades.

Zeca usa, na maioria das vezes, camisetas em diversas cores, porém com mangas mais estreitas, e estampas com pouca profusão de elementos, a calça jeans é algo habitual em seu figurino. Quando vai a praia com os amigos costuma usar regata e calção, utiliza de acessórios como relógios em formato grande, óculos e colares, que remetem à sua posição dentro da sociedade, em função dos modelos das roupas e acessórios usados.

As gírias mais utilizadas por Zeca e seus amigos são: **velhos**, quando se refere aos seus pais, **gatinha** quando menciona garotas, **mané**, **sacanear geral**, **aquele pangaré**, quando se refere a qualquer colega. Tem como música tema de seu personagem e de sua turma: “Qual é?”, de Marcelo D2, que traz na letra termos como: malandragem, caô, conduta, forte, luta, onda, marra, vacilão, caboclo, corpo fechado, festa e corrente, que remetem muito ao comportamento do personagem, porém, a letra da música na sua íntegra tem outra significação não tão condizente com o personagem de Zeca.

O personagem é reflexo de uma polêmica social, que traz a tona assunto como o desrespeito aos professores, falta de limites na educação dos filhos e *bullying*. As ações desenvolvidas pelo jovem Zeca permitiram que o personagem possuísse uma dimensão maior dentro da trama, com mais visibilidade. Sem dúvida o comportamento de Zeca pode ter inspirado reflexões, mas também reproduções.

Camila (Isis Valverde)

Jovem essencialmente romântica, cheia de incertezas e ilusões, sofre bastante ao se envolver com Dario (Vitor Fasano), um homem mais velho, sedutor que não se prende a ninguém. Entra em constante atrito com sua mãe em decorrência deste relacionamento. Logo após o término deste relacionamento Camila encontra em Ravi

(Caio Blat), amigo virtual de sua irmã, um ombro amigo para conversar sobre suas frustrações amorosas.

Deste modo, os dois começam a se comunicarem mais via internet, até que um dia Ravi vai visitar o Brasil juntamente com o irmão Raj (Rodrigo Lombardi) e conhece Camila, ambos se apaixonam. Cabe destacar que este tipo de comportamento/relacionamento é próprio da contemporaneidade que permite, via redes sociais, aproximação entre as pessoas, mesmo sem se conhecerem presencialmente.

A personagem veste-se com roupas mais delineadas ao corpo, mostrando parte dele. Trata-se de um estilo bem jovial, pois a personagem tem 17 anos.

Camila, sonhadora, começa idealizar Ravi, e decide casar-se com ele. Imprudente, para continuar na Índia, rasga seu passaporte. Após o casamento com Ravi sofre muito com a adaptação à nova cultura, pois não entende os preceitos da tradição, mesmo assim muda seu jeito de vestir-se, usando roupas mais cobertas, como os saris.

Suas incertezas e conflitos internos marcam um comportamento intempestivo, o que a fazem voltar para o Brasil. Camila, talvez, represente as adolescentes que sonham com o príncipe encantado e que sofrem grandes decepções.

Indra (André Arteche)

Jovem que nasceu na Índia, mas depois que sua mãe Ashima (Mara Manzan) ficou viúva veio morar no Brasil, é irmão de Malika. Sua família tem uma pastelaria na Lapa, Rio de Janeiro. Estuda na mesma escola de Zeca, é colega e amigo de Maico. Apesar de ter sido criado no Brasil, suas atitudes refletem um típico indiano, é sério e respeitoso. Por seu nome terminar com “a” é alvo de deboche na escola o que lhe causa constrangimento e sofrimento. Através de seu blog, Indra dá vazão para seu “sofrimento” – comportamento que pode ser observado em vários jovens da geração digital, que usam este recurso virtual para abordar vários temas.

Apesar de ser indiano, o personagem se veste muito semelhante aos brasileiros, com calça jeans, camisa sobreposta à camiseta, usa de acessórios como corrente e pulseira. Em sua fala estão presentes algumas palavras indianas como: *arebaba* (aí meu Deus), *tchalô* (vamos!), entre outras.

O blog apesar de ter sido criado por um personagem fictício estava disponível para acesso na internet, o que possibilitou a interação do personagem com os telespectadores, mantendo de certa forma um elo com efeitos de realidade. Dentro deste blog o personagem abordou assuntos como *bullying*.

Maico (Mussunzinho)

Jovem de classe baixa estuda na mesma escola de Indra. É aluno bolsista, filho mais novo de Cema (Neuza Borges), sofre preconceito por causa da doença do irmão Ademir (Sidny Santiago), por ser negro e pobre. Maico é estudioso, mas tem rancor pelo seu pai ter os abandonado, além não saber lidar com a doença do irmão e a atenção que sua mãe dá ao mesmo. Seu maior medo está em ser rejeitado pelo outros. O medo é algo muito presente nos jovens, que muitas vezes acaba por impedir o sujeito de evoluir ou estabelecer vínculos com outras pessoas.

Conclusão

Os processos de identificação são pontos que se tornam comum, quando se trabalha com os mundos do real e do fictício, propiciando uma aproximação do telespectador/leitor com a trama e os atores. Podemos perceber este movimento em personagens como o de Inês (Maria Maya) que traz uma tendência mais *Dark Romance*, envolvendo movimentos como punk, rock e o gótico, ou com a Leinha¹⁰ (Julia Almeida), com um estilo *Boho Chic*, fazendo uma releitura do movimento *Hippie*. Desta forma, fica fácil imaginar a quantidade de jovens que se identificam nestes personagens.

Estes personagens podem desencadear um apreço por estilos, personalidades, fazendo que, após uma identificação com aspectos que são particularmente marcados em cada instância, ocorra uma adesão. O que ocorre principalmente com os diferentes tipos de personalidades, gírias e figurino, que seguem tendências da moda. É oportuno destacar que a identificação não ocorre somente em um aspecto linear, pois se o sujeito gostar do modo como fala a personagem Inês, por exemplo, e achar mais adequado vestir-se como a personagem Leinha, é possível, pois são apropriações do ambiente fictício, que podem culminar no surgimento de um novo perfil, ou seja, são movimentos próprios da contemporaneidade, que reconhece múltiplas identificações e a existência de identidades híbridas.

No programa *Patrola* verificamos que suas pautas despertam o olhar curioso do jovem e marcam um espaço de fala. O público se identifica com o programa através das vestimentas dos apresentadores, do tom de fala e das gestualidades, o que faz com que eles busquem características comuns e se vejam refletidos.

¹⁰ Embora não tenha sido mencionada anteriormente a personagem foi considerada no estudo, assim como Tônia, Anusha, Ravi, Chanti e Ademir.

As marcas de identificação são encontradas desde a vinheta de abertura, que se dá com elementos da dança de rua e músicas eletrônicas, com o cenário, que em algumas matérias apresentam o próprio cotidiano do telespectador, e a utilização do humor como uma das características mais próximas do público jovem. Além de remissivas a elementos da cotidianidade dos jovens, como no “tube do *Patrola*”, que alude ao site you tu be. No quadro “carona com o *Patrola*”, o uso do fusca, elemento que lembra popularidade, pode sinalizar para o *fetich*e do adolescente em ter seu primeiro carro.

O jovem que o programa se refere, é “descolado”, bem humorado, eclético em seu estilo musical e de vestir, talvez uma maneira de persuadir várias faixas etárias ou tentar gerar um número maior de identificações, exibindo múltiplas identidades. Os elementos audiovisuais empregados na produção do *Patrola* são eficazes em sua proposta, de interação, informação e entretenimento em relação ao público. Trata-se de um programa que é marcado pela identidade regional, mas que a atualiza com uma narrativa própria da contemporaneidade.

Por outro lado, trabalhar com a caracterização de personagens jovens, no interior da trama da telenovela, possibilita a identificação da telenovela com o público jovem, seja por meio do uso de um discurso muito próximo, ou da imagem do ator ou atriz remeter a elementos da jovialidade, através de ações ou aparência física. No caso do *Patrola* percebemos que os apresentadores apresentam estes cuidados no visual, nas gestualidades e na imagem. Além de trazer para a pauta assuntos do cotidiano da juventude.

Referência bibliográfica

- CANCLINI, Néstor García. O consumo serve para pensar. In: *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- _____. *Culturas híbridas*. São Paulo: EdUSP, 2003.
- CASETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Paidós: Barcelona, 1999.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- _____; CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). *Televisão: entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- _____; _____. *Televisão: entre o mercado e a academia II*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____; _____. *Comunicação audiovisual: gêneros e formatos*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____; _____. *Em torno das mídias: práticas e ambiências*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- HALL, Stuart; DUGAY, P. *Questions of cultural identity*. Londres: Sege, 1996.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997 (1999).



- _____. Quem precisa identidade? In: SILVA, T. T. *et al. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JACKS, Nilda. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998.
- _____. *Querência: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. *Mídia Regional: Gauchidade e Formato Televisual no Galpão Crioulo*, RS.2009.232f. Tese (Doutorado em ciências da comunicação)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2009.
- _____. A gauchidade midiática televisual: enunciações de sentidos no Galpão Crioulo. In: FELIPPI, Ângela.; NECCHI, Vitor. *Mídia e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992 (2006).
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. *et al. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.